



## TODA NAÇÃO TEM SEU REI: A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO MÍTICO DO EX-JOGADOR DO FLAMENGO, ZICO

Claudia Nandi Formentin \*

**Resumo:** Este artigo é parte dos estudos realizados ao longo da tese de doutoramento da autora que analisa o discurso de nação e sua incursão no time de futebol do Flamengo. O objetivo é investigar como dá a construção do imaginário mítico do ex-jogador do Flamengo Arthur Antunes Coimbra, conhecido como Zico. Como objetivos específicos tem-se (1) mapear gêneros discursivos que abordem o referido jogador como tema; (2) identificar enunciados que contribuem para a construção do imaginário mítico no que se refere ao atleta citado. A análise se dá a partir de teóricos como Campbell (1990), Silva (2006), Hall (2006), Maffesoli (2001) e Bakhtin (2004). Como objetos de estudos, foram selecionadas materialidades como história em quadrinho, músicas e textos de blogs. A justificativa para a escolha do tema do trabalho aqui apresentado está no fato de Zico ser um jogador que, apesar de muito ligado ao rubro-negro carioca, é bastante respeitado no mundo esportivo, mesmo por outras agremiações, por várias de suas ações profissionais e suas contribuições ao esporte. Além disso, entre os torcedores do Flamengo, percepção tida a partir da coleta de dados que serão analisados, Zico aparece, com frequência, como um dos principais representantes da seção de futebol do clube. Ao fim deste trabalho, conclui-se que os enunciados que tratam de Zico compõem um cabedal discursivo que indica um atleta que ganha características sobre-humanas e místicas. Zico, nas materialidades estudadas, também agrupa uma série de enunciados que traz a memória da comunidade que é formada em torno do Flamengo atributos que são atemporais no que diz respeito ao clube ou mesmo ao futebol.

**Palavras-chave:** Mito. Futebol. Zico.

**Abstract:** This article is part of the studies conducted over the doctoral thesis of the author. It analyzes the nation speech and his incursion into the Flamengo soccer team. The objective is to investigate how the mythical imaginary of the former Flamengo's player Arthur Antunes Coimbra, known as Zico, is constructed. The specific objectives are (1) to map discursive genres that address the player as theme; (2) identify statements that contribute to the construction of the mythical imagery around the athlete. The analysis has theoretical ground on the

\*\* Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.  
Professora na UNISUL.  
Doutora em Ciências da Linguagem pela UNISUL.  
E-mail: formentinnandi.claudia@gmail.com



REVISTA  
MEMORARE

UNISUL  
www.portaldeperiodicos.unisul.br  
ISSN 2358-0593

*authors Campbell (1990), Silva (2006), Hall (2006), Maffesoli (2001) and Bakhtin (2004). As objects of study were selected materiality as comic strip, music and blogs texts. The justification for the presented work theme is the fact that Zico is a player who is well respected in the sport's world for several of their professional actions and his contributions to the sport. In fact, even if the athlete is very connected to Rio's Flamengo, other associations respects these contributions. Moreover, among the fans of Flamengo, from a perception taken from the collection of data to be analyzed, Zico appears frequently as one of the main representatives of the football section of the club. After this work it is concluded that the statements that deal with Zico compose a discursive unity indicating an athlete winning superhuman and mystic features. In the studied materialities, Zico also includes a series of statements that brings the community memory which is formed around the Flamengo's attributes that are timeless with respect to the club or even to football.*

**Keywords:** *Myth. Soccer. Zico.*



## 1. Introdução

Este artigo é parte dos estudos realizados ao longo da tese de doutoramento da autora que analisa o discurso de nação e sua incursão no time de futebol do Flamengo. O objetivo geral é investigar como se dá a construção do imaginário mítico do ex-jogador do Flamengo Arthur Antunes Coimbra, conhecido como Zico. O atleta atuou no time rubro-negro entre as décadas de 1970 e o fim da década de 1980. Nesse período marcou mais de quinhentos gols, sendo que mais da metade no Maracanã<sup>1</sup>, em cerca de 730 jogos, sendo considerado o maior artilheiro do clube.

A justificativa para a escolha do tema do trabalho aqui apresentado está no fato de Zico ser um jogador que, apesar de muito ligado ao rubro-negro carioca, é bastante respeitado no mundo esportivo, mesmo por outras agremiações, por várias de suas ações profissionais e suas contribuições ao esporte. Além disso, entre os torcedores do Flamengo, percepção tida a partir da coleta de dados que serão analisados, Zico aparece, com frequência, como um dos principais representantes da seção de futebol do clube.

Como objetivos específicos, estabeleceu-se: (1) mapear gêneros discursivos que abordem o referido jogador como tema; (2) identificar enunciados que contribuem para a construção do imaginário mítico no que se refere ao atleta citado. A análise se dá a partir de teóricos como Campbell (1990), Silva (2006), Hall (2006), Maffesoli (2001) e Bakhtin (2004). Como objetos de estudos foram selecionados materialidades como história em quadrinho, músicas e textos de blogs.

## 2. Imaginário Mítico: diálogos possíveis no futebol

Quem é o herói? Esta pergunta pode ser respondida por muitas pessoas com certa facilidade tendo em vista as formas como esse termo é utilizado nos mais diversos meios. Nesse contexto o que mais se escuta é que o herói é aquele que se arrisca por algo considerado maior do que sua própria vida. Esse conceito se aproxima e muito do que Campbell (1990, p. 131) apresenta: “[...] o herói é alguém que deu a própria vida por algo maior que ele mesmo”. Ele está disposto a se sacrificar por um povo, uma pessoa ou mesmo uma ideia. Esse herói é aquele que realiza algo que não está no nível normal, uma proeza (física ou espiritual) que, conforme o autor, parte de quem percebe a falta de algo em meio às experiências permitidas a outros membros da sociedade em que está inserido. No que se refere as proezas físicas há de

---

<sup>1</sup> Foram mais de trezentos gols no Maracanã o que é considerado um recorde que ainda não foi batido por nenhum outro atleta.



considerar, a prática de um feito que exija coragem, em batalha, por exemplo. Já no caso espiritual, explica Campbell (1990, p. 131), o herói “[...] aprende a lidar com o nível superior de vida espiritual humana e retorna com uma mensagem”.

Para isso, afirma o autor, os heróis podem escolher realizar certa proeza de maneira preparada e intencional ou serem lançados àquela aventura sem saber exatamente o que estão fazendo. Campbell (1990, p. 142) indica ainda que a sociedade contemporânea necessita de heróis, pois “[...] ela tem necessidade de uma constelação de imagens suficientemente poderosa para reunir, sob a mesma intenção, todas essas tendências individualistas”. O autor (1990, p. 142) completa afirmando que “[...] a nação necessita de uma intenção, a fim de atuar como um poder uno”. Há para Campbell (1990), um herói lendário que é entendido como aquele que funda algo (uma era, religião, cidade, modalidade de vida). Para isso, no entanto, esse herói precisa se desvencilhar do velho, do antigo e assim inovar. O que existe, assim, é a necessidade de “[...] partir em busca da idéia-semente, a idéia germinal que tenha a potencialidade de fazer aflorar aquele algo novo” (CAMPBELL, 1990, p. 145).

Os discursos referentes à figura do herói podem contribuir na formação da identidade de um determinado grupo tendo em vista que a identidade não é algo nato, ela se forma ao longo do tempo caracterizando-se, para Hall (2006) como um processo em andamento.

Nesse sentido a identidade é construída a partir de ideias reforçadas e repetidas nos mais diversos gêneros discursivos ao longo do tempo compondo o que pode ser denominado por imaginário (MAFFESOLI, 2001). Tal imaginário tem como uma de suas funções, conforme menciona Silva (2006, p. 11 - 12), ser um Reservatório na medida em que,

agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo. (...) Como o reservatório, o imaginário é essa impressão digital do ser no mundo. Como motor, é o acelerador que imprime velocidade à possibilidade de ação.

Além disso, cabe reforçar a afirmação de Maffesoli (2001) de que o imaginário é coletivo. Não é possível pensar em imaginário individual ao partir do ponto de vista de que há a repetição de certos discursos que compõe o imaginário. No caso de uma torcida de futebol há a partilha desse imaginário entre os seus diversos membros. Isso porque quando há a referência ao imaginário, refere-se também ao sentido de fazer parte de algo, de uma partilha, seja no campo da linguagem, de uma ideia de mundo ou, como discute Maffesoli, de uma atmosfera.

O caráter de partilha e coletividade do imaginário indicada por Maffesoli remete aos diálogos que se estabelecem nos enunciados apresentados pelos diferentes gêneros discursivos



que nos fala Bakhtin (2004). O autor trata de tal diálogo como a atividade mental do *nós*. Nos enunciados que se apresentam é possível perceber os diferentes graus e tipos que o autor denominou de “modelagem ideológica” (BAKHTIN, 2004, p. 115). A atividade mental do *nós* apontada pelo autor russo permite pensar a atividade mental do *nós* a partir do futebol, ou da torcida de futebol. Caso o torcedor se encontre consciente de sua paixão por determinado clube e se encontre cercado de muitas pessoas que assistem aos jogos de futebol e que tal qual o primeiro sentem a paixão pelo clube, mas se encontram isolados “[...] sem classe, terá uma coloração específica e tenderá para formas ideológicas determinadas (...): a resignação, a vergonha, o sentimento de dependência e muitas outras tonalidades tingirão a sua atividade mental” (BAKHTIN, 2004, p. 115).

Já se este mesmo torcedor fizer parte de uma coletividade que compartilha da mesma paixão pelo clube, mas que não possui uma ligação material consistente a paixão de cada um é sentida de maneira isolada por cada indivíduo. Nesse contexto a consciência da paixão pelo clube será permeada por resignação, “[...] mas desprovida de sentimento de vergonha ou de humilhação” (BAKHTIN, 2004, p. 116). As experiências citadas, no entanto, são bem diferentes do que será experimentado por membros que compartilham da paixão pelo clube e, dessa forma participam de uma coletividade e que possui vínculos materiais objetivos que os une. A atividade mental aqui receberá nuances de protestos ativos podendo, no caso do futebol, ser uma manifestação de apoio ou de crítica, não há resignação nem tão pouco submissão. Os vínculos materiais que se apresentam no caso do Flamengo passam pelos símbolos, canções, território, mas que parecem confluir todos em um enunciado que está presente na figura do jogador Zico. A atividade mental do *nós* tratada por Bakhtin, formada pelos vínculos materiais objetivos contribuem para tecer os valores e sensações que são partilhados pelos indivíduos formando o imaginário que “[...] é uma rede etérea e movediça de valores e de sensações partilhadas concreta e virtualmente” (SILVA, 2006, p. 9).

### **3. Zico: o nome de uma era**

De certa maneira todos os jogadores que formaram os times, especialmente os que se tornaram campeões, constituem heróis lendários por serem parte da fundação de uma era, de acordo com Campbell (1990). Os jogadores, além da Era de Ouro, contribuem para a formação dos mitos fundacionais do time aqui estudado. Sobre a “Era Zico”, considera-se interessante destacar os motivos que o colocam como o maior ídolo dessa torcida. Essa é uma narrativa fundamental na construção do imaginário rubro-negro. Assim, como disse Silva (2006, p. 11 - 12), o imaginário funciona como Reservatório na medida em que,



agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo. (...) Como o reservatório, o imaginário é essa impressão digital do ser no mundo. Como motor, é o acelerador que imprime velocidade à possibilidade de ação.

Zico faz com que o torcedor rubro-negro seja levado a um período de muitas vitórias e conquistas em que o Flamengo se destacava pela beleza com que jogava. Além disso, pertencem ao discurso que fazem dele o grande ídolo (ou herói) do time a disciplina e a garra. Não à toa, o jogador aparece em canções compostas depois de ter parado de jogar. Como exemplo aponta-se a letra do mineiro Alexandre Pires, intitulada Homenagem a Zico<sup>2</sup>. Os versos da canção apresentam a fala de um pai sobre o jogador ao filho. A música indica os caminhos pelos quais a identidade é formada tal qual Hall (2006) apresenta ao afirmar que não é algo nato, ela se forma ao longo do tempo caracterizando-se como um processo em andamento.

Filho senta aqui no colo do papai  
Que eu tenho uma história para lhe contar  
De um grande ídolo que eu me apaixonei, quando lhe vi jogar  
Eu contava os dias pra chegar domingo  
Acordava bem cedo, sorrindo  
Vestia uma camisa e ia pra rua brincar  
Filho, o nome dele também é Arthur  
Fazia mágica com os seus pés  
No tempo em que os jogadores dos seus clubes, eram fiéis  
Ele nos encheu de orgulho e alegria  
O seu drible era pura magia  
Zico esse samba é pra você  
Eeeeei, Zico é o nosso rei  
Meu camisa 10, a nossa nação rubro-negra sempre vai te amar  
Uma vez Flamengo...

Nessa canção, o compositor se insere em uma coletividade na medida em que coloca o eu-lírico (a primeira pessoa do singular) e, em outras, a primeira do plural. Na composição, o pai chama seu filho para contar uma história. Pode-se afirmar que o autor (Alexandre Pires) atribui ao filho toda a carga semântica que compõe o imaginário em torno da paixão a qual caracteriza os membros participantes de determinada torcida. Na narrativa que trata sobre Zico, forma-se o mito que une as pessoas dentro de determinada ideia, forma-se uma expressão de coletividade. Tal como na antiguidade, percebe-se a presença e a importância da oralidade como elemento agregador desse discurso mítico/simbólico. Há o elemento mágico em outros

---

<sup>2</sup> Informação disponível em: <<http://letras.terra.com.br/alexandre-pires/1550677/>>. Acesso em: 28 de out. 2011.



momentos (“Fazia mágica com os seus pés” e em “O seu drible era pura magia”) apontando para algo extraordinário realizado pelo jogador.

E, a partir de seus feitos, Zico personifica a imagem heroica de que aquele time vai ganhar justamente por méritos, levando em consideração que a geração de 1981 é a que mais deu títulos ao clube carioca. Pode ser, por isso, que Perrone (2013-a) faz o seguinte comentário:

talvez uma das raras torcidas do mundo que tenha dezenas de ídolos, mas que não há discussão sobre o maior.  
Existe o Zico e o resto. E o “resto” inclui, talvez, os dois melhores laterais que o mundo já viu em cores. Leandro e Junior.

Se existem “duas coisas, duas entidades, duas instituições no mundo que são definitivamente indissociáveis, essas são Zico e o Flamengo. É absolutamente impossível, divorciado do mundo real, falar na história do clube sem citar o ídolo” (MANSUR; RIBEIRO, 2009-b, p. 17). Perrone (2013- a) acrescenta que “Por aí existe o Santos de Pelé, o São Paulo de Rogério Ceni, o Palmeiras de Ademar. Lá existe o Zico do Flamengo. A ordem é sempre inversa. Os valores são sempre diferentes.” Há a necessidade, aqui, de apontar para o ‘lá’ apresentado por Perrone. O termo indica a distância existente entre o autor do texto e o time ao qual se refere. Mais do que isso, tal distanciamento é também discursivo já que não se apresenta no restante do trecho citado mesmo que esteja sendo feita referência a times que não sejam o de Perrone. A expressão ‘por aí’ mostra que mesmo não sendo torcedor do Santos ou do Palmeiras e mesmo que seu time seja um dos rivais dos times de Pelé e de Ademar, ainda, assim, é mais próximo do que do Flamengo cuja postura do jogador citado, no caso Zico, é diferente dos outros já que não é o Flamengo de Zico e sim o Zico do Flamengo. Quem tem a posse do jogador (torcedor) é o clube. Esse, por sua vez, não necessita da qualificação do jogador, ou seja, o jogador não domina o clube.

De alguma maneira, Mansur e Ribeiro tentam explicar os motivos que levam torcedores a renderem tantas homenagens ao ex-atleta.

A figura de Zico fascina não apenas pela enormidade do futebol que mostrou quando defendeu o Flamengo. Não apenas pela postura que sempre conservou. Não apenas pela simpatia, pela simplicidade, por ser desconcertantemente acessível numa época em que o futebol tem estrelas tão fortemente blindadas que parece, por vezes, não serem humanas. Zico fascina o torcedor rubro-negro porque se posiciona claramente quanto a algo que deveria ser banal num país que ama o futebol, onde jogadores de futebol, supostamente, foram torcedores antes de começar a jogar. Zico tem time, Zico é Flamengo, Zico ganhou tudo pelo Flamengo e continua a ser um torcedor do Flamengo (MANSUR, RIBEIRO, 2009-b, p. 17).



Zico jogou no Flamengo entre 1971 e 1990, tendo uma rápida passagem (duas temporadas) pelo time italiano Udinese (de onde voltou no segundo semestre de 1985). A negociação entre o time carioca e o italiano não foram apresentadas para os torcedores para que não atrapalhasse a competição que estava acontecendo no Brasil. A notícia, como era de se esperar, entristeceu os torcedores rubro-negros. A mudança apresenta aos brasileiros um movimento que já se espalhava pelo mundo em que grandes times, especialmente europeus, contratavam grande número de jogadores provenientes de outros países Hobsbawm (2007).

O período indicado por Hobsbawm e a venda de Zico deu início ao que parece ser, a partir de então, o destino de todo jogador de futebol: se destacar em território nacional e ser transferido para a Europa. Foi assim que Moraes Moreira apresenta nos versos da canção Saudades do galinho apontando que

[...] Falou mais alto o destino/  
e o galinho vai cantar/ [...]  
vai cantar noutra terra/  
no coração brasileiro/  
uma esperança [...]

“Foram tantos os gols, tantas as vitórias e títulos, que sua venda para a Itália provocou uma verdadeira comoção nacional (bem-humoradamente retratada por Henfil desde a primeira investida do futebol italiano, através do Milan)” (PRADO, 2007, p. 11). Em músicas tal comoção é apresentada. A mais notória sobre o assunto é a que foi composta por Moraes Moreira, Saudades do Galinho.

E agora como é que eu fico  
Nas tardes de domingo  
Sem Zico no Maracanã  
Agora como é que me vingo  
De toda derrota da vida  
Se a cada gol do Flamengo  
Eu me sentia um vencedor

A música, segundo Moraes Moreira, em entrevista a Mansur e Ribeiro (2009-b), foi uma tentativa de amenizar a dor que a torcida estava sentindo (ele próprio se coloca, como torcedor rubro-negro que é, como portador daquele sentimento). Segundo o compositor, era necessário que a torcida compreendesse e tivesse calma. Nesse sentido, a música parece dialogar com a narrativa da esperança do mito de Dom Sebastião: “vai e volta em paz que o Flamengo/ já sabe o que esperar”.

Há, nessas questões apresentadas, o que Campbell chama de um herói lendário, entendido como aquele que funda algo (uma era, religião, cidade, modalidade de vida). Para





isso, no entanto, esse herói precisa se desvencilhar do velho, do antigo e assim inovar. Há, nesse sentido, a necessidade de “partir em busca da idéia-semente, a idéia germinal que tenha a potencialidade de fazer aflorar aquele algo novo” (CAMPBELL, 1990, p. 145).

O que se percebe com esses apontamentos é que, assim como disse Maffesoli (2001), o imaginário é coletivo. Há a partilha desse imaginário entre os diversos membros da torcida. Isso porque quando há a referência ao imaginário, refere-se também ao sentido de fazer parte de algo, de uma partilha, seja no campo da linguagem, de uma ideia de mundo ou, como discute Maffesoli, de uma atmosfera. Identifica-se nos discursos apresentados sobre Zico que o imaginário é o estado de espírito coletivo. Percebe-se o vínculo discutido por Maffesoli. Vínculo esse firmado entre os jogadores, e aqui especialmente entre Zico e o clube, entre os torcedores – o jogador e o clube. Assim, se o imaginário une um grupo em uma mesma atmosfera, os jogadores apresentados nos discursos citados se unem ao clube e aos torcedores de forma a remeter estes à atmosfera campeã do clube. As questões que se referem a Zico até aqui levam para Quintino: em 6 de fevereiro “muitas épocas também se encerraram ali – porque Zico não era apenas Zico. Ele era Zizinho, Leônidas, Pirillo, Rubens, Dida, resumindo num só o que todos tinham de melhor” (CASTRO, 2012, p. 172). É como se Zico guiasse, por meio de sua imagem, a memória do torcedor para outros momentos da história rubro-negra, ativando assim discursos de memória. A figura de Zico representa o diálogo possível entre discursos de diferentes períodos da história do Flamengo. Os enunciados que formam estes discursos são diferentes entre si, mas dialogam entre si na figura de Zico. Esse diálogo entre enunciados não apenas reflete a realidade que o flamenguista vive, mas a refrata. É isso que permite que haja o que Bakhtin chama de refração com as diversas interpretações do mundo que esse signo permite.

Os diálogos que se estabelecem nos enunciados apresentados remetem ao que Bakhtin (2004) coloca como a atividade mental do *nós*. Nos enunciados que se apresentam é possível perceber os diferentes graus e tipos que o autor denominou de “modelagem ideológica” (BAKHTIN, 2004, p. 115). A atividade mental do *nós* apontada pelo autor russo permite pensar a atividade mental do *nós* a partir do futebol, ou da torcida de futebol. Caso o torcedor se encontre consciente de sua paixão por determinado clube e se encontre cercado de muitas pessoas que assistem aos jogos de futebol e que tal qual o primeiro sentem a paixão pelo clube, mas se encontram isolados “[...] sem classe, terá uma coloração específica e tenderá para formas ideológicas determinadas (...): a resignação, a vergonha, o sentimento de dependência e muitas outras tonalidades tingirão a sua atividade mental” (BAKHTIN, 2004, p. 115).

Já se este mesmo torcedor fizer parte de uma coletividade que compartilha da mesma paixão pelo clube, mas que não possui uma ligação material consistente a paixão de cada um é



sentida de maneira isolada por cada indivíduo. Nesse contexto a consciência da paixão pelo clube será permeada por resignação, “[...] mas desprovida de sentimento de vergonha ou de humilhação” (BAKHTIN, 2004, p. 116). As experiências citadas, no entanto, são bem diferentes do que será experimentado por membros que compartilham da paixão pelo clube e, dessa forma participam de uma coletividade e que possui vínculos materiais objetivos que os une. A atividade mental aqui receberá nuances de protestos ativos podendo, no caso do futebol, ser uma manifestação de apoio ou de crítica, não há resignação nem tão pouco submissão. Os vínculos materiais que se apresentam no caso do Flamengo passam pelos símbolos, canções, território mas que parecem confluir todos em um enunciado que está presente na figura do jogador Zico. A atividade mental do *nós* tratada por Bakhtin, formada pelos vínculos materiais objetivos contribuem para tecer os valores e sensações que são partilhados pelos indivíduos formando o imaginário que “[...] é uma rede etérea e movediça de valores e de sensações partilhadas concreta e virtualmente” (SILVA, 2006, p. 9).

Se, de alguma maneira, Zico é apresentado dentro do imaginário do torcedor do Flamengo como mito fundacional, vários de seus antigos companheiros também se fazem presentes nessa lista. Nesse sentido, como já foi apresentado por Bakhtin, quando a análise parte de questões dialógicas não se permite limitar os sentidos havendo, assim, a preservação dos ditos e não-ditos. Essa produção de sentidos, para Bakhtin, está relacionada a uma moldura social e a uma audiência. Assim, aponta-se como um dos sentidos apresentados ao tratar-se do Maracanã sendo um território que permeia o imaginário flamenguista, como a ‘casa’ do time rubro-negro mesmo que de fato não lhe pertença.

#### 4. Considerações Finais

A partir das relações estabelecidas neste trabalho, percebe-se o entrelaçamento proveniente dos diversos enunciados que formam os discursos. Ao fim deste trabalho conclui-se que os enunciados que tratam de Zico compõem um cabedal discursivo que indica um atleta que ganha características sobre-humanas e místicas. Zico, nas materialidades estudadas, também agrupa uma série de enunciados que traz a memória da comunidade que é formada em torno do Flamengo atributos que são atemporais no que diz respeito ao clube ou mesmo ao futebol.

Nesse sentido foi possível elencar como enunciados que contribuem para a construção do imaginário mítico no que se refere ao atleta analisado, além das características sobre-humanas analisadas. Há o fato de ter jogado durante muito tempo no Flamengo o que indica que o jogador construiu sua identidade com o referido clube tal qual o torcedor e com isso é também bem visto por pessoas ligadas a outros clubes tendo em vista que estes almejam ter em seus



clubes atletas que tenha características semelhantes a que se apresenta em Zico. Além disso, os enunciados que tratam especificamente de Zico trazem consigo o diálogo com outros enunciados presentes em tempos anteriores e posteriores ao que viveu o referido jogador. Esses enunciados que dialogam com os que foram vistos nos enunciados contidos no jogador Zico podem se tratar de um jogo, um campeonato ou outros jogadores.

Esses enunciados ficam evidentes em textos de blogs, de autores que afirmam ser torcedores do Flamengo e outros que não, e músicas, de diferentes estilos. Nesse material, ao longo da análise, identificou-se os enunciados em diálogo em torno da figura de Zico.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia de linguagem**. 11.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CASTRO, Ruy. **O vermelho e o negro: pequena grande história do Flamengo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2009.

HOBBSAWM, Eric J. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade (entrevista). **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 1, n. 15, p. 74-82, ago. 2001. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3123/2395>>. Acesso em: 27 set. 2012

MANSUR, Carlos Eduardo. RIBEIRO, Luciano Cordeiro. **Meu maior prazer: histórias de uma paixão**. Belo Horizonte: Leitura, 2009-b.

MUHLENBERG, Arthur. **Zico, obrigado por nos tornar imortais**. 2013. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/rj/torcedor-flamengo/platb/category/zico/>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

PERRONE, Rica. **O dia do flamenguista**. 2013-a. Disponível em: <<http://www.ricaperrone.com.br/o-dia-do-flamenguista/>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. **Religião**. 2013-b. Disponível em: <<http://www.ricaperrone.com.br/religiao/>>. Acesso em: 19 nov. 2013.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. 2. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

*Recebido em: 30/06/15. Aprovado em: 14/10/15.*